Revista MovimentAção v.03, n.04, pp. 183-187, 2016.

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. **Desigualdade e desempenho**: uma introdução à sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

Bernardo Mattes Caprara[1]

A obra sobre desigualdade e desempenho é uma amostra da concentração de esforços de Maria Lígia de Oliveira Barbosa no campo da sociologia educacional. Vê-se que as incorporações mais recentes no que tange aos trabalhos sociológicos acerca da educação categorizam a importância de introduzir um estudo sistemático da escola como fator muito relevante na aprendizagem. Barbosa (2009) reuniu uma pesquisa de vasta intensidade num trabalho que conseguiu executar os seus objetivos e consistiu numa legítima introdução à sociologia da escola brasileira.

> Há vários anos a sociologia da educação vem investindo no desvendamento das relações sociais internas à escola para que se possam compreender as razões ou, pelo menos, os fatores escolares que possam ser associados ao fortalecimento das desigualdades sociais (BARBOSA, 2009, p. 21).

Através de densas investigações na região de Belo Horizonte, pesquisando professores, alunos, funcionários e diretores de diferentes tipos de escolas, múltiplos elementos concernentes ao ambiente escolar foram analisados. A autora mostra que existem diferenças de rendimento entre a qualidade das escolas e o sucesso ou fracasso dos estudantes em paridade de situações sociais. Mas vai muito além do que isso.

Convergindo com a experiência de Barbosa, a pesquisa desponta como uma ampliação das reflexões sobre a temática. Numa dimensão política, sugere a chance de tecer vias relativamente otimistas, embora a situação não se exponha perfeitamente apropriada para tal anseio. Irremediavelmente, os testes que indicam a qualidade do aprendizado em matemática e português são recheados de dados insatisfatórios.

Os fundamentos teóricos mais proveitosos estão casados a uma averiguação empírica de profunda densidade. O saldo é abrangido pelos aportes metodológicos minuciosos,

[1] Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim. Doutorando e Mestre (2013) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em Ciências Sociais (2010) pela UFRGS.

denotados em requintadas técnicas estatísticas. As modalidades teóricas envolvidas são, tangencialmente, ancoradas nos referenciais adjacentes à atualidade das discussões.

Uma constatação que Barbosa (2009) debate é tocante a uma determinada penúria nos estudos voltados ao conhecimento dos métodos didáticos e procedimentos pedagógicos, além de administrativos, quanto às escolas brasileiras. Em países como a França, tem-se evoluído bastante no assunto. Com efeito, sabe-se que a década de 1960 marcou o advento de pesquisas que deixam evidente a íntima relação entre as desigualdades sociais e as diferenças de acesso e de desempenho nos diversos sistemas de ensino. Assim o tema pelo qual a socióloga se aventura mantém sua pertinácia. Ele se justifica, igualmente, numa etapa na qual a educação alçou uma reconhecida centralidade na agenda política nacional.

Barbosa (2009) constrói uma sociologia da escola brasileira, norteada por remexer nos artefatos que movimentam as desigualdades com as quais é factível deparar-se cotidianamente. À medida que seus argumentos desenrolam-se, nota-se que a educação tem um caráter categórico nos condicionamentos das trajetórias dos jovens brasileiros.

Não existe mais espaço para interpretações que vejam em um aspecto a exclusividade de quaisquer explicações no cenário educacional. São duas as direções das tendências hegemônicas na atualidade da produção de conhecimento da área. Uma vai ao sentido de desbravar os saberes organizados referentes ao funcionamento dos sistemas de ensino. Outra se assenta na incursão sobre as relações entre a escola e a geração das identidades.

Os escritos introdutórios do livro refinam os basilares trabalhos que conformam o campo de vastos horizontes científicos sobre as desigualdades desse porte. Aparecem comentários sobre os textos recentes de Grunsky, Soresen e Weeden, obstinados em adicionar o pensamento clássico de Durkheim ao contexto de hoje, por vezes viciado nos embates entre novos marxistas ou weberianos.

Não obstante, a educação consiste no núcleo no qual as pesquisas que perseguem as distintas facetas das desigualdades sociais crescem com constância inegável. Barbosa sublinha (2009) que se trata de uma das linhas de produção científica que propõe uma paisagem deveras heterogênea, do ponto de vista teórico-conceitual e de prática de investigação empírica. Isso é perceptível no nível global e nacional.

A concentração do intento de pesquisa em questão firma-se numa base de dados proveniente de 24 escolas públicas (municipais e estaduais), em Belo Horizonte. Barbosa (2009, p. 31) descreve as técnicas usadas como “desenvolvidas mais recentemente para refinar e aprofundar a definição dos fatores escolares que influenciam diferencialmente os alunos”.

O raciocínio da autora vinculado à educação sistemática brasileira interage com as diferenças raciais, de gênero e de classes sociais. Os *surveys* que sustentam os procedimentos metodológicos trazem informações acerca das características individuais e familiares dos estudantes, do funcionamento da sala de aula, dos métodos pedagógicos exercidos e das formas de organização da escola. Isso tudo sob a ótica administrativa e das políticas atuantes no sentido da qualificação dos professores e funcionários.

Mas o arcabouço de dados para a consecução de um conhecimento complexo e nada superficial não fica por aí. Coexistem artifícios técnicos variados como a observação de aulas, dos cadernos mantidos pelos discentes, as entrevistas e os questionários. A mensuração dos desempenhos dos alunos origina-se das notas em português e matemática, em avaliação ministrada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). São estudantes avaliados de uma turma de 4ª série sorteada em cada uma das escolas perfiladas no projeto.

Desenvolve-se uma análise proveniente de desenhos estatísticos que admitem preparar a coleção de termos individuais e coletivos que influenciam nos resultados dos educandos. Pode-se, mediante a visão de Barbosa (2009, p. 32), "estabelecer o peso ou a importância de cada um desses fatores na explicação do fenômeno". Recordando que o lado qualitativo da questão não precisa ser sepultado.

Impreterível é referir o conteúdo dos capítulos. De início, constam os pormenores do estudo empírico, com as lentes apontadas para a metodologia. Por este caminho faz-se compreensível o percurso transcorrido pela socióloga, quanto aos processos de pesquisa e às implicações das políticas públicas estaduais e municipais presentes na região enfocada. Ali estão alguns anexos de inúmeros questionários aplicados no projeto que redundou na obra. Postam-se, lado a lado, neste primeiro capítulo, exposições sobre os componentes pessoais, familiares, sociais, institucionais e/ou escolares intrínsecos ao objeto sociológico.

Num segundo passo, Barbosa (2009) aposta nas formas de abordar caras aos clássicos da sociologia da educação. Encaminha a leitura para as relações que se dão entre as circunstâncias sociais e os rendimentos estudantis. A família é pensada enquanto grupamento explicativo, em alguma instância, dos sucessos ou das insatisfações dos jovens no ensino institucionalizado. A perspicácia da observação com este peremptório tom dos movimentos clássicos na sociologia educacional, ainda, dá luz aos elementos individuais (físicos e psíquicos) tratados com pertinente cuidado analítico.

Circulam informações relativas às famílias, em direto diálogo com as notas dos estudantes. A família como capital social se sobressai. Importantes variáveis são inseridas nas

análises, como a presença dos pais em casa, as diferenças de recursos sociais em famílias geridas por homens e mulheres, a ocupação materna, o tempo disponível da mãe, a ajuda recebida em casa e o número de filhos na família. As expectativas familiares possuem seu espaço. Faz-se a interlocução entre a escolaridade desejada e a escolaridade esperada pelas mães; o desempenho médio, segundo a escolaridade esperada; e os fatores sociais das expectativas maternas. Barbosa (2009) interroga-se se a decorrência combinada das variáveis familiares veste-se de alguma lógica específica. Em que pesem as demais, o capital social se concretiza como variável de grande impacto nas proficiências em linguagem e matemática. Não ficam de fora, todavia, as posições sociais dos grupos familiares.

Os docentes são protagonistas, na medida em que os caracteres e as práticas desses profissionais capacitam-se a interagir com os resultados estudantis. Sem negligenciar as variáveis que representam as instabilidades das experiências no mundo do trabalho que surtem efeitos nos desempenhos. Torna-se, então, essencial pensar as condições de sala de aula, ao passo que elas concorrem para interpretar a desigualdade nas notas (BARBOSA, 2009).

Do ponto de vista dos avanços notáveis, a valorização do ambiente escolar, repleto de sentido para o pensamento sociológico, ultrapassa as perspectivas que cobiçam atribuir uma predominância majoritária deste ou daquele item. As circunstâncias internas à escolarização tem na sua complexidade uma justificativa para que lhes caiba uma análise científica da sociologia. A escola tem o seu ponto de transformação social, mesmo que em suspenso, ainda que relativo.

O capítulo de número 4 abarca colocações acerca das escolas pesquisadas. Em cada instituição somente uma sala de aula foi inquirida. Listam-se os dados que deflagram as condições físicas dos estabelecimentos educacionais, as características humanas da sua distribuição organizativa. A direção e os seus entendimentos relativos ao seu próprio trabalho, bem como o planejamento os programas executados estão abrigados.

A conversa explicitada no capítulo 5 preenche a intenção de debater a qualidade dos colégios e as desigualdades sociais. Barbosa (2009, p. 183) sincretiza "que o efeito da escola pode, pelo menos em parte, reduzir os efeitos da posição social dos alunos sob o seu desempenho escolar". A socióloga estipula uma definição de qualidade para as instituições, refletindo sobre os desempenhos em cada escola, em português e matemática. As diferenças nas médias oriundas dos testes, partidárias dos estudantes matriculados nas escolas consideradas de boa qualidade, alicerçam as sentenças.

> A qualidade da escola nem sempre é compreendida como sendo um item essencial aos processos de democratização desta. Muitas vezes ela á associada, especialmente entre os profissionais da área de educação, a meras questões administrativas ou a preocupações com a eficiência gerencial do sistema educativo, sem relação com o problema da promoção da equidade no plano das oportunidades educacionais (BARBOSA, 2009, p. 183).

Parece que o fundamento de larga envergadura, lançado por Barbosa, vige no sentido de que sua concepção desenlaça os determinismos sociais, sem que os fatores relativos aos condicionantes exteriores à escolarização sejam repelidos. Ela desenha um quadro esperançoso que marca para a ultrapassagem das amarras que recaem sobre os horizontes educacionais.